

ROELES; Bruna Evangelista da Silva¹, PIRES; Emmy Uehara Pires²

RESUMO

PVIE2278-2021 O conceito de autoeficácia é definido por Bandura (1997) como a crença do sujeito sobre suas próprias capacidades para realizar determinada tarefa ou curso de ação, e esta pode ser fortalecida quando o observador vê semelhanças entre ele e um modelo observado. Dados recentes sugerem que pretos e pardos compõem grande parte das instituições de ensino superior públicas, no entanto, ainda há poucas mulheres negras em cargos de liderança e prestígio social. A falta dessa representatividade na academia pode acabar por influenciar a autoeficácia das mulheres negras universitárias. O objetivo deste estudo foi averiguar as crenças de autoeficácia de universitárias negras da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Esta pesquisa obteve 24 participantes. Os critérios de inclusão foram: se declarar mulher, preta ou parda e ter matrícula ativa na Instituição. A pesquisa foi analisada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRRJ/COMEP e recebeu parecer favorável de nº 722/2016. Todos os participantes receberam um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), onde foram informados sobre a pesquisa. A metodologia contou com os recursos de um questionário sociodemográfico e uma escala. Foi construído um questionário estruturado na plataforma Google Formulário, com 26 itens, sobre idade, cor/raça, curso etc. A escala utilizada foi a Escala de autoeficácia na formação superior, AEFS, (POLYDORO; GUERREIRO-CASANOVA, 2010), que tem como objetivo identificar a autoeficácia de estudantes em organizar e executar cursos de ações exigidos para produzir realizações nas tarefas acadêmicas. A escala é um instrumento com 34 itens, variando entre 1 (pouco capaz) e 10 (muito capaz) e possui consistência interna entendida como favorável (alpha de Cronbach 0,94). A análise de dados foi realizada no programa Statistical Package for Social Sciences. As participantes possuem idades entre 19 e 27 anos, sendo a maioria das áreas de Humanas. Sobre a Escala AEFS, a média entre 8 e 10 foi considerada como crenças fortes, 5 a 7, como moderadas e abaixo de 5, como fracas. A menor média foi considerada fraca (4,87), mas todas as outras mantiveram suas médias como moderadas. Compreendeu-se que as estudantes têm crenças de autoeficácia menos favorecidas quando se trata de tomada de ações, já que os itens de menor média têm relação com tomada de ações, como no item 5 “Quanto eu sou capaz de expressar minha opinião quando outro colega de sala discorda de mim?” que obteve a menor média. O estudo evidenciou que apesar do acesso de mulheres negras no ensino superior, elas ainda possuem crenças de autoeficácia consideradas moderadas. Isso pode relacionar-se à falta de representatividade de mulheres negras em destaque nas áreas de formação e os atravessamentos das questões de raça e gênero que influenciam suas percepções sobre suas capacidades. A pesquisa contou com um número de participantes muito baixo para a proporção de universitárias negras da UFRRJ, o que pode ser justificado pelo surgimento do COVID-19 durante a coleta de dados. Por conta disso, acreditamos que seja importante o desenvolvimento de mais pesquisas com essa temática.

PALAVRAS-CHAVE: autoeficácia, mulheres, negras, universitárias

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, bruna.roeles13@gmail.com

² Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, emmy.uehara@gmail.com